

INVISIBILIZAÇÃO DOS SABERES RURAIS: UM ESTUDO SOBRE A FALTA DE INCENTIVOS PARA A PERMANÊNCIA DESTAS PRÁTICAS CULTURAIS

Hiara Oliveira

Hiara Oliveira, Universidade Estadual do Rio de Janeiro, São Gonçalo, Rio de Janeiro, Brasil, santohiara@gmail.com

Enquanto as pesquisas acadêmicas de regiões urbanas recebem cada vez mais visibilidade, sendo impulsionadas por avanços tecnológicos e incentivos a pesquisa, temos em contrapartida uma distinta realidade em muitas áreas rurais: nestas, frequentemente, não recebem a mesma atenção historiográfica, resultando em uma ausência significativa de registros e, sobretudo, de produções acadêmicas sobre suas realidades, sendo causado muita das vezes pela falta de investimentos e incentivos de criar instituições voltados para a cultura - como museus e centros de memória, mas além disso vem também de um fenômeno de padronização sendo explicado pelos autores Claudino Paolino e Majorie Botelho no livro *Folia de Reis e Mineiro de Pau: Manifestações culturais populares da região serrana* (2015), Milton Santos explica também um outro fenômeno sendo a alienação através da cultura de massas e a popular (1999). Neste resumo extenso possui como objetivo incentivar a pesquisa docente em áreas rurais, através da tradição do Mineiro Pau na cidade de Silva Jardim valorizando os saberes e práticas de regiões distantes de centros urbanos.

Através disto, será utilizado de metodologias etnográficas para compreender sua trajetória, usando de fontes documentais como iconográficas e orais. E por fim, utilizando um método de revisão qualitativa.

O Mineiro Pau consiste em um ritual originado nas regiões do centro norte de Minas Gerais e se tornou praticado em diversos locais, sendo o foco desta pesquisa nas Baixadas Litorâneas no estado do Rio de Janeiro especificamente no município de Silva Jardim, este contato veio através de um encontro de agricultor em um Canavial localizada no Betel na década de 40 tendo sucesso entre os silva-jardinenses. Neste ritual, havia em torno de 60 participantes sendo compostos por trabalhadores das lavouras, crianças e pela vizinhança. O patrão de alguns destes funcionários, o Roberto Guedes, popularizou a tradição após ser apresentado popularmente e sendo criado em 1952, a Fundação do Mineiro Pau e também criando sua própria escola de samba participando assim dos carnavais da cidade e em algumas festas juninas. A fundação teve três presidentes sendo o terceiro ainda ativo, possuindo figurinos - sendo atualmente: uma camisa vermelha com um short ou uma calça branca com um listra ou um laço vermelho e um chapéu de palha, e personagens onde cada um tem sua historia e papel para as apresentações: o boi pintadinho, que representa o surgimento do Mineiro Pau acompanha o presidente; a mulinha que brinca com o público, e o personagem mais recente o Jaraguá onde sua função consiste em afastar o público dos dançarinos com mordidas e investidas. Sua singularidade consiste em ser um dos poucos que

possuem a participação de mulheres e letras únicas cantadas a partir do improviso possuindo um único refrão “*Mineiro Pau, Mineiro Pau eu vou chorar*”, nos dias de hoje o grupo ainda se apresenta em shows nos carnavais da cidade. Sua composição musical consiste em pandeiros, surdos, taróis, repiques, reco-recos e chocalhos, mas já houve outras composições. Nas apresentações precisam de no mínimo quinze pessoas: seis como dançarinos, seis músicos, dois cantores, sendo um deles o presidente e os três personagens; das danças consistem com os dançarinos em círculo segurando um e tocando em três ritmos com um parceiro do seu lado esquerdo e em seguida, bater no chão virar de costas para dançar com o parceiro que esteve na sua direita ao ritmo da música enquanto os personagens interagem com o público. Toda via, foi uma tradição má vista pela parte mais conservadora da população gerando uma discriminação destes rituais, sendo ainda mais intensa através do nome do terceiro presidente: Sebastiao Ezequiel, ou conhecido popularmente como Tião Capeta.

Embora o Mineiro Pau seja considerado um dos patrimônios culturais da cidade, estando presente no calendário da cidade sendo comemorado no dia vinte e cinco de setembro, ela foi perdendo a atividade principalmente pela falta de praticantes, vindo de um efeito que visa uniformizar as tradições brasileiras sendo influenciadas principalmente por tradições urbanas. Enquanto os rituais culturais rurais são conectados com o contexto histórico dos cidadãos, temos as culturas urbanas que muitas das vezes são impostas em uma região sem se encaixarem nas vidas dos indivíduos ocupando espaço através de investimentos sejam da mídia ou de incentivos do governo. Milton Santos explica este fenômeno no livro: *O Espaço do Cidadão* como o processo de alienação através do contato com a cultura de massas - como uma cultura rasa inserida no cotidiano, sendo neste caso os rituais urbanos; e a cultura popular - que seria o oposto, conectando o indivíduo dando a si uma identidade e conexão de onde veio; embora o fenômeno tenha sido explicado pelo autor com a saída do cidadão rural para a metrópole, esta troca de saberes também acontece em regiões rurais e neste processo de permutação influencia outras áreas da vida de um indivíduo, principalmente para os mais jovens: a conexão com a comunidade ao qual o indivíduo pertence é fundamental para a própria identidade, na BNCC esta lógica faz parte de uma das competências na disciplinas de História a EF03H04, EF03HI05 e EF03HI06. Vale ressaltar que a problemática não está necessariamente na conexão destas duas tradições chegando em lugares mais afastados das metrópoles, mas sim no processo de desvalorização que ocorre tirando do lugar o que já era naturalizado para algo que não os pertencem, consequentemente enquanto zonas urbanas recebem cada vez mais pesquisas descobrindo ainda mais sobre seu passado, muitas das zonas rurais nem possuem a chance de serem documentadas e registradas estando sujeitas a serem esquecidas pela história. De toda forma, a cultura de uma região é fundamental para a identidade de uma comunidade pluralizada Atuando como uma memória coletiva, o fio condutor que une gerações e fornece um senso de pertencimento único em um mundo globalizado. A padronização cultural, por outro lado, envolve um processo sutil e, por vezes,



violento de normalização, que tende a apagar as singularidades em busca de uma homogeneização mais facilmente consumível. Se trata de uma força que busca criar uma sociedade sem particularidades, ou seja, uma sociedade desprovida de uma identidade autêntica e enraizada. Esse fenômeno de apagamento ocorre através de mecanismos variados e profundos. No caso específico do Mineiro Pau, manifestação cultural genuína do interior brasileiro, podemos observar como esse processo atua de maneira concreta. As perseguições históricas, fruto de preconceitos, somadas à crônica falta de investimentos para comprar uniformes e equipamentos, criaram um ambiente hostil que ameaçou a própria continuidade dos encontros tradicionais. Esses encontros, espaços vitais para a prática e a vivência comunitária do ritmo e de seus significados, foram sendo substituídos por tradições que não as pertencem. Foi nesse contexto que a Fundação Mineiro Pau se uniu ao carnaval, uma festa popular, com sua grande visibilidade ofereceu uma plataforma para que o Mineiro Pau não desaparecesse por completo. No entanto, essa estratégia de sobrevivência traz também uma consequência de transformação, para se adequar ao ritmo e à lógica de espetáculo do carnaval de rua, a composição musical e a própria execução do Mineiro Pau foram forçadas a se adaptar. Nesse processo de hibridização forçada pela necessidade, levou a perda da originalidade, sendo simplificada para se adequar a aquilo que não pertence, perdendo seu significado profundo, ligado a um contexto social e histórico específico. Assim, o que se vê é um ciclo complexo: uma tradição resistindo através da adaptação, mas ao se adaptar para sobreviver em um novo molde, vê sua essência original desafiada, levantando o questionamento sobre a luta pela permanência de aquilo que foi de seu direito para a tradição estrangeira. Logo, se um ritual não é capaz de se manter vivo, não pode ser capaz de ser lembrado.

Por fim, áreas rurais permanecem como um campo pouco explorado pela academia, tendo um grande repertório. E este repertório influencia o próprio indivíduo pesquisador seja na parte acadêmica ou pela própria identidade. Mineiro Pau está conectado com a história de Silva Jardim, mesmo que não tenha praticado. A prefeitura tenta de muitas formas manter a tradição viva, mas de toda forma não sendo registrada o esquecimento se torna inevitável.

Palavras-Chave: Mineiro Pau, tradição, padronização, Silva Jardim

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular.

BOTELHO, Majorie; PAOLINO, Claudio **Folia de Reis e Mineiro Pau: manifestações culturais populares da região serrana**. 1 Edição, Instituto de Imagem e Cidadania, 2015;

SANTOS, Milton. **O Espaço do Cidadão**. 7 Edição, Editora da Universidade de São Paulo, 1999

